O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não será recebida —Artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis—Semestre, 1$500 réis—Trimestre, 800 réis.

NUMERO 246 | **TERÇA-FEIRA 17 DE NOVEMBRO DE 1863** | **TERCEIRO ANNO**

AVEIRO

Em alguns dos antecedentes numeros d'esta folha tentámos fazer ver o lamentoso estado em que se encontram actualmente as nossas prisões, e os males que podem provir e, em parte, proveem do modo inconveniente pelo qual se applica entre nós a pena de prisão. Depois do que a similhante respeito havemos escripto, escusado nos parece dizer que é necessidade urgentissima e impreterivel cuidar sem perda de tempo de fazer construir edificios, em que os condemnados á pena de prisão e os accusados de crimes que não admittem fiança, possam ser guardados sem perigo de soffrerem em sua saude pela má exposição e condições anti-hygienicas das prisões, nem de poderem evadir-se por falta de segurança das mesmas.

Avisinha-se a epocha, em que os representantes da nação, reunindo-se para tractar todas as questões de utilidade e interesse geral, teem rigorosissima obrigação de promover a adopção de todas as medidas, que sendo instantemente reclamadas pelo nosso actual estado de adiantamento, nos vão tornando cada vez mais dignos de respeito aos olhos da Europa civilisada. Bom fôra que a imprensa periodica, em vez de desperdiçar o tempo e de dedicar as suas columnas a pugnas estereis e enfadonhas que a mór parte das vezes mostram mais os rancorosos despeitos de que estão possuidas as differentes facções politicas, do que o desejo sincero de apurar a verdade e de advogar os legitimos interesses do paiz; bom fôra que a imprensa periodica, repetimos, em vez d'isso se intretivesse em discutir questões, com que prende o interesse e bem estar social, e aproveitasse as ferias parlamentares indicando ao governo e aos legisladores as reformas que convem preparar, e os melhoramentos que é mister empreender.

Ora entre as grandes reformas que mais convem levar a cabo sem perda de tempo, damos nós um dos primeiros logares, senão o primeiro, á das nossas cadêas; entre as vergonhas de que urge livrar a nação portugueza, numeramos nós as casas em que por ahi se põe em segurança os criminosos. E' indispensavel substituir convenientemente essas insalubres pocilgas, em que o misero encarcerado, que só julgara perder o exercicio da liberdade, se reconhece privado do ar puro, da luz, e das mais triviaes condições exigidas pela hygiene. E com quanto o desprezo, a que muitas vezes são entre nós votadas as cousas mais importantes, nos leve a suspeitar que estamos clamando no deserto, nem por isso deixaremos de lembrar aos poderes publicos os objectos que se nos afiguram dignos da sua attenção.

Em desempenho dos deveres do augusto sacerdocio que fervorosamente abraçámos, aqui apontamos ao governo, aos membros do parlamento e aos nossos collegas da imprensa um objecto que, em nosso entender, merece ser cuidadosa e seriamente tractado. Sem a reforma das prisões, longe de ser conveniente, fôra imprudencia abolir o carrasco e o assassinato legal; porque somos de opinião que toda a nação que houver de abolir a pena de morte, deve préviamente fazer construir casas em que possa applicar-se o systema penitenciario; pois que em quanto a nós a prisão penitenciaria deve adóptar-se de preferencia na maioria dos casos em que se applica a pena de morte e em muitos outros.

Se, pois, havemos de empenhar-nos para que na proxima sessão legislativa seja discutido e feito lei do paiz o projecto da abolição da pena de morte, curemos primeiramente, como medida preparatoria e indispensavel, de pedir ao governo do nosso paiz que se dê pressa em fazer construir prisões penitenciarias, melhoramento que já ha muito deveramos possuir.

Só assim poderá deixar de julgar-se inconveniente e precipitada, no nosso actual estado de adiantamento, a decretação da «morte á morte»; só assim é que para podermos conseguir um grande melhoramento, realisamos outro que lhe não é muito inferior.

Não desampararemos a questão.

No *Commercio do Porto* deparamos com um excellente artigo, remettido de Coimbra áquelle nosso collega, no qual se expõe clara, judiciosa e imparcialmente a questão que deu logar ao conflicto entre o sr. ministro da justiça e o sr. bispo de Coimbra. Estamos inteiramente de accordo com as idêas do habil articulista, e por isso aqui transcrevemos com a devida venia o que escreveu sobre a alludida questão.

O conflicto do sr. bispo de Coimbra com o governo

«Alguns jornaes politicos, dando noticia do conflicto que ha pouco se levantou entre o sr. ministro das justiças e o sr. bispo de Coimbra, por occasião de despacho do escrivão da camara ecclesiastica d'esta diocese, e procurando assignar as causas de tão grave acontecimento, não duvidaram affirmar que o sr. bispo procedera assim, já por conselhos e influencias estranhas á sua vontade, já por manejos da opposição de Coimbra, já por ideas reaccionarias, de que tambem s. ex.ª se achava dominado.

Todos estes ditos, e a admiração que nos tem causado a resistencia aos actos governamentaes por parte de um prelado, sempre estranho a politicas e sempre notado como obdiente até em excesso á authoridade temporal, moveu-nos a curiosidade de indagar o que em tudo isto havia de verdadeiro e digno de credito. Procuramos pois, e colhemos informações das pessoas, que entendemos nol-as podiam dar exactas, e em resultado d'ellas apuramos o que aqui vimos expor sem o menor receio de podermos ser desmentidos.

Em outubro do anno passado representou o sr. bispo conde ao governo, que tendo vagado o logar de escrivão da camara ecclesiastica da sua diocese, era conveniente que, assim como se tem feito em outras dioceses, este logar fosse provido em um ecclesiastico, e que em todo o caso se escolhesse pessoa que não o procurasse para modo de vida, mas tivesse alguma pratica dos negocios ecclesiasticos, e merecesse a confiança do prelado com quem tinha de tratar todos os dias, e muito de perto. E por isso lembrou e propoz s. exc.ª para o dito logar o beneficiado e bacharel formado em direito, José Ferreira Fresco, por ser promotor do juizo ecclesiastico, havia muito tempo, por ter muita pratica dos negocios ecclesiasticos, e por ser pessoa de comportamento irreprehensivel; declarando mais o prelado que n'isto só levava em vista o bem da egreja e do serviço publico, e não considerações de beneficio e interesse pessoal.

S. exc.ª, que então estava em Lisboa, foi quem pessoalmente entregou esta representação ao sr. ministro, e tão rasoavel a achou este, que, segundo nos informaram, declarou que ia attendel-a.

E na verdade, se os logares de escrivães das camaras ecclesiasticas foram sempre de livre e exclusiva nomeação dos respectivos prelados, se ainda depois de 1834 tem sido os prelados os que escolhem, e quasi que fazem a nomeação dos individuos que hão-de servir aquelles cargos, quando não por direito proprio (o que não queremos discutir agora), de certo pela mais justa e bem entendida deferencia que todos os governos até hoje teem sempre tido com os mesmos prelados, como poderiamos provar com muitos factos e documentos que nos demos o trabalho de examinar, se em todo o caso não podem, nem devem nomear-se para taes logares, senão individuos que mereçam a confiança dos respectivos prelados; pedia a razão, o interesse da egreja e a bem entendida deferencia para com o episcopado em objecto d'esta natureza, que o ministro, á vista do modo delicado e judicioso como o prelado fizera aquella proposta, a attendesse immediatamente.

E era isto de tanto mais razão e justiça, não só porque o individuo proposto era idoneo sob todos os respeitos, como reconheceu o proprio governo, pelo facto de o nomear depois para um canonicato, que é logar superior, mas tambem porque, como é notorio, o sr. bispo de Coimbra nunca protegeu afilhados contra as prescripções de justiça; nunca propoz nem nomeou quaesquer padres ou famulos seus para logares dependentes da sua jurisdicção: e tão longe tem elle n'esta parte levado o seu, talvez excessivo, escrupulo, que tem chegado a mandar habilitar para serem empregados na instrucção publica alguns clerigos por elle ordenados a expensas suas, e que o haviam auxiliado no serviço do seu bispado, e que, se não fôra tanto escrupulo, poderiam ser empregados com vantagem no serviço da egreja.

Tudo isto pois exigia, que o ministro tivesse attenção e deferencia com o bispo que assim lh'o merecia.

Porem mais forte e poderosa que todas estas considerações foi a vontade de alguns deputados de Coimbra, que para os seus fins e atravéz de tudo resolveram e assentaram prover o sr. Montenegro no logar de escrivão da camara ecclesiastica de Coimbra. E o sr. ministro da justiça, esquecendo o que havia declarado ao prelado, obtemperou a esta vontade omnipotente.

Avisado de todos estes manejos, e antes de terem o seu ultimo desfecho, o sr. bispo conde fez saber indirectamente e por diversas vias ao sr. ministro, que de nenhum modo podia transigir com elle n'esta parte; e nem achava provavel que o sr. ministro quizesse para escrivão de uma camara ecclesiastica um homem, que havia abandonado as ordens sacras que recebera, e que se achava nas circumstancias do sr. Montenegro.

A respeito, porém, de todas estas razões e advertencias, não obstante a pratica, sempre e invariavelmente seguida, de nunca se fazerem despachos para logares ecclesiasticos, sem se mandarem préviamente os requerimentos dos pretendentes a informar aos respectivos prelados; não obstante a especialidade do logar de que se tratava, logar da maior responsabilidade, por onde correm negocios que entendem com a honra e tranquilidade das familias; e para o qual o sr. bispo já havia declarado ao sr. ministro as condições que deviam concorrer no individuo que o pretendesse; não obstante tudo isto, o sr. ministro despachou o sr. Montenegro para aquelle logar, sem mandar informar o sr. bispo, e sem, sequer, lhe dizer palavra ou dar satisfação publica ou particularmente.

Perguntamos agora: não será isto uma violencia flagrante? uma desconsideração manifesta? ou, mais exacto, um insulto arremessado ás faces de um prelado venerando e venerado, que não lh'o merecia por sua avançada idade, por sua dedicação e zelo pela causa publica, por seus valiosos serviços á igreja e ao Estado, já como lente e prelado da universidade, já como vigario capitular das dioceses de Pinhel e Coimbra em tempos bem calamitosos, já como bispo nas dioceses de Bragança e de Vizeu?

Responda toda a gente honesta de qualquer côr ou parcialidade politica.

E n'estas circumstancias, perguntamos ainda, que devia fazer o prelado? callar-se? deixar-se desconsiderar? sanccionar na diocese a seu cargo o pessimo precedente de similhante nomeação e innovação, feita por tal fórma, e contra todas as práticas constantemente seguidas? receber para *seu secretario*, para tratar os negocios mais graves relativos ao clero, e á consciencia dos fieis da sua diocese, um homem que não merecia a sua confiança?

Prelado que assim fizesse, não só menospresava e escarnecia os interesses e o decoro da sua igreja, mas aviltava-se; ficava sendo no seu bispado menos que qualquer regedor de parochia; tornava-se até indigno do nome de homem de bem.

Chegadas as cousas a este ponto, o prelado devia — ou ficar firme no seu posto e resistir á violencia que lhe faziam, ou, conciliando com a sua consciencia e dignidade o bem da sua diocese, representar respeitosamente a Sua Magestade que não podia dar posse ao provido, mas que tendo sempre dado provas de obediencia, não as queria desmentir agora no fim da vida, entrando em contestações e luctas com o governo, com as quaes tambem já não poderia, e que por isso, para evitar males maiores, resignava a sua cadeira episcopal e pedia licença para impetrar o breve respectivo.

Foi este ultimo o caminho que seguiu o virtuoso prelado como mais accommodado ao seu genio e idade, e ao bem da sua igreja; nem sabemos que alguem possa taxar de leviano e precipitado similhante procedimento. Pelo contrario, nós não vemos n'elle senão motivos para muito louvar o illustre prelado, e até o proprio governo lhe deve estar agradecido, porque s. ex.ª, podendo resistir, não resiste, podendo contestar, não contesta, antes sacrifica a sua pessoa e a sua posição ao seu respeito pelas decisões do poder temporal, ainda nos seus erros, e ao seu zelo e interesse pelo bem da sua igreja.

Infelizmente porém n'estes tempos as paixões mesquinhas e os interesses politicos tudo deturpam, tudo desvirtuam; e para atenuar o modo desgraçado como n'este negocio andou o sr. ministro alguem tem dito que se o sr. bispo conde se recusou dar posse ao despachado, foi porque tambem é dos reaccionarios, porque assim o obrigaram as influencias da opposição de Coimbra!

Tudo isto porém não passa de uma vil calumnia. Ninguem insinuou, ninguem aconselhou, ninguem lembrou a s. ex.ª a resolução tomada por elle, de accordo só com o seu vigario geral, o sr. Manoel Correia de Bastos Pina, e este da sua parte não precisava de aconselhar o digno prelado, porque s. ex.ª, no caso de o ministro dar similhante passo, de ha muito tinha resolvido fazer o que fez, e até nos disseram que assim o havia declarado a alguns amigos fóra de Coimbra, e a pessoa que certo jornal não duvidou dizer, que fôra ao passo aconselhar s. ex.ª, nunca entrou as salas da sua residencia, nem tem relações algumas com o prelado ou com o seu vigario geral. Esta é que é a verdade.

Mas queremos por um pouco admittir o contrario, queremos suppor sem o conceder, que a resolução do sr. bispo conde foi devida a insinuações estranhas; perguntamos: Teve ou não o prelado rasão para proceder como procedeu? devia ou não fazel-o assim? Respondam ainda, não esses politicos facciosos, mas os homens de bem e de coração, que escutam a voz da sua consciencia, e sabem presar o seu caracter e dignidade.

O que porém, segundo nos informam, é mais para estranhar em tudo isto, é a portaria em que se responde á elevadissima representação do prelado; e quando vierem á luz publica estes dois notaveis documentos, ha de o paiz ficar espantado de ver a maneira como se trata um principe da igreja, um ancião venerando, que, como o sr. D. José Manoel de Lemos, sempre liberal e honrado, tem encanecido no serviço da patria, e merecido a confiança de todos os governos d'este paiz. Mas ainda bem, que o procedimento do ministro foi devidamente castigado, antes de tudo, pelo modo nobre e digno com que se houve o bispo, que sem hesitar, e admirando talvez que o quizessem intimidar com similhante portaria, respondeu immediatamente, confirmando com mais força ainda a sua resolução de não dar posse ao sr. Montenegro, e enviando logo a supplica para Sua Santidade conceder o breve de resignação.

E' pois digno de sinceros louvores o sr. bispo de Coimbra, por seu nobre procedimento e abnegação; qualidades tão raras n'estes desgraçados tempos, só de baixas especulações e de mesquinhos interesses, e n'este conceito nos acompanha a imprensa sisuda e todos os homens honestos, não só d'esta cidade mas de todo o reino. Aqui e em toda a parte tem sido exaltado o procedimento do respeitavel prelado.

Digam agora que tudo isto é reacção. Será, mas é a reacção reflectida da consciencia e do decoro contra a prepotencia. Será embora essa reacção: mas de quem é a culpa? Não do prelado, que, para acatar os actos do ministro resigna o seu bispado; e que, para salvar a sua consciencia e dignidade, em vez de contestar e resistir, deixa o baculo, os arminhos, as honras, o poder, para na obscuridade, e quem sabe se na penuria, ir acabar com honra os restantes dias da sua vida, toda gasta no serviço da igreja e do Estado.

Coimbra 7 de novembro de 1863.»

* * *

A estrada d'Assequins a Agueda, e a camara municipal.

Ha muito tempo que era reclamada pelas necessidades d'alguns povos do concelho d'Agueda uma estrada, que lhes assegurasse facil communicação com a capital do concelho; mas a camara, que era quem devia consignar no seu orçamento uma verba correspondente á despeza, que exigia a sua construcção curava pouco d'isso, por as suas rendas caírem todas no sorvedouro, que as enguliu durante bastantes annos.

Assumiu as rédeas da governação administrativa o sr. Joaquim Alvaro para dar ao concelho d'Agueda um logar no esplendido banquete dos melhoramentos, o qual, apezar da sua área ser curta, e de lhe pertencer um logar a par dos concelhos, onde o progresso material tem tido grande desenvolvimento, não conhecia dentro dos seus limites um unico melhoramento, que merecesse tal nome.

S. ex.ª, conscio do transvio das rendas municipaes da sua verdadeira applicação, como todo o concelho sabe, e da grande falta que havia de melhoramentos, tractou de ensaiar um systema, o mais perfeito, na gerencia dos negocios a seu cargo, para começar a saciar a avidez de progresso, que brotava do seio de todos os habitantes do concelho.

O sr. João Ribeiro, que via no sr. Joaquim Alvaro a estrella, que com a luz da moralidade desterrava as trevas dos seus engrimanços, por muitos annos abstrusos á maior parte da gente,

atravez dos quaes corriam arroios de libras, fez preponderar muito mais do que até ahi a sua influencia e inspirações na camara, talhada a seu modo, para empecer o sr. Joaquim Alvaro na realisação do pensamento do concelho, a fim de não só conservar velados os veios, por onde manavam as rendas municipaes, mas até para estas irem continuando no seu curso.

Para lhe não faltarem, era necessario que a camara sempre lhe fosse propicia; mas isso só lhe era facil, tendo a sempre do seu lado.

Porém, como a opinião do concelho tomava grande vulto a favor do administrador exemplar, como continúa a tomar, viu se na necessidade de movêr o assento d'essa opinião por alguma cousa, que agradasse aos povos, a fim d'elles se inclinarem á eleição d'uma camara sua. Por isso a camara actual, esporeada pelo sr. João Ribeiro, mandou logo começar a estrada d'Agueda a Assequins.

Foram intimados todos os carreiros da freguezia d'Agueda; transportaram-se do areial alguns carros d'areia para a nova estrada, para com ella se fazer um aterro superior ás frequentes innudações do rio: começaram-se os dois pontões que, para dar escoante ás aguas, tinham de se fazer em toda a directriz, que pouco passará de trez kilometros; e tudo ficou em começos; o que causa graves incommodos aos passageiros, não só por a estrada estar interceptada com os aqueductos dos pontões, que apenas teem as paredes dos lados, mas até por o aterro das movediças areias, que foram lançadas em parte do antigo caminho, servir e grande obstaculo á passagem dos animaes do serviço do homem, por causa das frequentes atoladellas, a que a areia dá logar. Por esta rasão tudo o que a camara fez em tal estrada, tornou-a muito mais embaraçosa para os transeuntes, do que antes estava.

Ainda que ella fosse concluida, para as primeiras enchentes do rio ficava completamente arruinada, porque não ha n'ella arte, proporções, nem solidez alguma. Para a haver, devia ter, em todo o seu comprimento, dois muros de supporte de altura tal, que a estrada ficasse superior ainda ás maiores innundações, não só para obstarem a derrocação do aterro pelas aguas do inverno, mas até para lhe darem muito maior solidez. Tal como a fazem, além de ser o seu aterro tão baixo, que é alagado, assim que o rio transborde, fica intransitavel dentro em poucos mezes; e a areia do aterro será impellida pelas aguas para o campo, e ficarão estragadas muitas propriedades.

Os trabalhos pararam já ha bastante tempo. Qual seria a causa?

Por a camara ter a consciencia de que consumia algum dinheiro com uma cataplasma armada no ar, a qual será aniquillada dentro em pouco?! Ou por saber que, longe de engodar com tal cibo os povos a quem ella convem, redobraram de contumacia e persistencia, depois que lhe conheceram a miseravel traça, em a guerrear nas proximas eleições? Nós inclinamos-nos antes a esta última; porque os povos já não teem os olhos tão vendados, que não vejam que um tão subito acordar da camara para fazer aquella indispensavel estrada, que tantas vezes foi pedida, e por outras tantas esquecida pelas camaras ribeiristas, só tem por fim excitar hostilidades contra o sr. Joaquim Alvaro. Por isso elles despresaram o engodo, que não presta senão para os prejudicar, e a camara, vendo que não colhia resultados com tal especulação, deixou os trabalhos no principio.

Esta miseravel camara é sempre assim!!

Continuaremos, quando tivermos logar.

A. F. de C.

A «Ordem», jornal de Pernambuco, e a briosa nação portugueza

Nós todos, os portuguezes, descendentes d'esses bravos luzos, que, com denodo sem igual transpondo o vasto imperio dos mares, foram á sombra do pendão portuguez implantar a arvore frondente da religião do Homem Deus para inocular nos selvagens as suas immarcessiveis vergonteas da civilisação, do temor de Deus, e do amor do proximo; não podemos, nem devemos, se o amor da patria ainda não se arrefeceu em nossos corações, se a lembrança dos sentimentos, avidos de gloria, que em outras eras brotavam dos marciaes espiritos de tantos heroes, ainda se não apagou; se, emfim, os indeleveis signaes do grande collosso das nossas grandezas passadas ainda não enfranqueceram as nossas vividas impressões, não podemos, repetimos, nem devemos ficar indifferentes ao atrevimento inaudito, com a «Ordem» de Pernambuco ousou macular a dignidade nacional e a subida respeitabilidade da familia real portugueza. Em todo o paiz deve ouvir-se um brado unisono, ingente da maior indignação contra esse jornal impudente, que, esquecido de que o nosso mais occidental, mais bello, mais ameno, mais deleitoso, mais risonho e mais precioso jardim da Europa transplantou as mais admiraveis flores, que n'elle brilhavam, aquecidas e vivificadas pelo sol da peninsula, para os torrados, selvagens e impervios sertões de Santa Cruz, para embriagarem com os perfumes de suas suavissimas fragancias os ferozes instinctos da raça dos caciques, teve a desfaçatez de cobrir a briosa nação portugueza com os mais grosseiros e insolentos baldões, chegando a ferir com a espada dos seus leoninos furores a casa de Bragança, que tão acatada e estremecida é de todos os nacionaes e estrangeiros, sem que os subidos quilates, que enriquecem e adornam o nosso monarcha e sua augusta esposa, lhe podessem embotar os gumes.

Os epythetos de vilões, de moedeiros falsos de ladrões e de mil outras coisas repellentes, que só um espirito abjecto e vil podia suggerir, devem não só ser repellidos com dignidade por toda a imprensa portugueza, mas até por toda a imprensa seria e imparcial do Brazil, se n'esta ainda pollulam os sentimentos de gratidão e reverencia filial.

A uma e outra nação, portugueza e brasileira, offendeu o jornal pernambucano; aquella por ser mãe d'um vasto imperio, onde semeou a civilisação, cimentou o envangelho, e lançou as bases dos seus monumentos; esta por dever uma tão esmerada educação á sua mãe carinhosa, que para lhe dar o pão do espirito, affrontou nos seus galeões os escarceos do procelloso Atlantico, e arriscou, por muitas vezes, com a cruz arvorada a vida nos emmaranhados bosques dos neemgaibas, não duvidando arrostar com admiravel impavidez, até verter a ultima gota de sangue, todo o poder hollandez, que lhe queria arrancar dos braços a sua idolatrada filha.

Se Portugal ainda se ensoberbece e ufana com as glorias, que nos legaram os nosos maiores, se Portugal ainda não deslembrou que os archipelagos da Madeira, dos Açores e de Cabo-Verde, apenas sentiram o rumorejar das náus dos nossos guerreiros, e observaram nas ondas, a reverberação dos seus fanaes, emergiram do meio dos mares, para lhes dar hospedagem; se Portugal ainda se não olvidou de que as tormentas e furias atterradoras do Cabo de Boa-Esperança se abrandaram e amolleceram com a presença dos nossos impavidos heroes para irem engrandecer o theatro das suas glorias em Oman, Bengala, Malabar, Calecut, Goa; se, finalmente, Portugal ainda se não esqueceu de que com o tremular das suas bandeiras apavorou Madagascar, Moçambique, Zanguebar e Ajan; o insulto d'um seu filho, degenerado e mau, deve ser stygmatisado da maneira a mais austera, coagindo o a retirar a esponja molhada no adestringente fél da maledicencia, que lh'ensopa o seu ferino coração, com a qual nos quiz debalde salpicar de veneno; por que só assim se poderão socegar as cinzas venerandas de Vieira e Pedro Cabral, que parecem estar mormurando d'enraivadas contra o insulto, com que polluiu seus immortaes nomes a escoria dos jornaes, o mais socz, o mais degradante, e o mais ignobil do imperio do Brazil!!!

Mas que importancia pode merecer tão sordido jornal?!...

Parece-nos que o melhor desforço, que a pundonorosa nação portugueza pode tomar, por tão insolentemente nos salpicar com a lama do carro das suas torpezas, quando, na maior força do seu rodar, estava n'ellas atolado, é o desprezo eterno, porque o brio e dignidade nacionaes em todas as partes do mundo apregoam bem alto, que nenhuma acção reprehensivel dos portuguezes deslustrou a immorredoira fama aos nossos illustres maiores, até o tempo presente, e porque em liberdade nenhuma nação da Europa a excede.

A. F. de C.

EXTERIOR

Discurso de Napoleão

«Os jornaes francezes, que hoje recebemos, diz o *Diario Mercantil* publicam o texto do discurso do imperador Napoleão na abertura da sessão legislativa, que teve logar no dia 5 do corrente.

E' tão justificado o desejo que ha de ler este importante documento, pela posição que occupa o homem que o pronunciou, e pela que tem nos negocios do mundo a nação a que este monarcha preside, que não nos dispensamos de o traduzir e dar hoje mesmo á estampa.»

Eis o discurso:

«Senhores senadores — Senhores deputados.

A reunião annual dos grandes corpos do estado é sempre uma occasião feliz que aproxima os homens dedicados ao bem publico e permitte manifestar a verdade ao paiz. A franqueza das nossas communicações mutuas tranquillisa as inquietações e fortifica as minhas resoluções. Sede bem vindos!

O corpo legislativo foi renovado pela terceira vez depois da fundação do imperio, e pela terceira vez, apezar de alguma dissidencia local, não posso deixar de congratular-me do resultado das eleições. Tendes-me todos prestado o mesmo juramento; elle responde pelo vosso auxilio.

O nosso dever é tratar bem e depressa dos negocios publicos, sugeitando-nos á constituição que nos tem dado onze annos de prosperidade e vós jurastes manter.

O relatorio da situação interna mostrar vos-ha que apezar da estagnação forçada do trabalho em certos ramos, o progresso não afrouxou. A nossa industria luctou com vantagem contra a concorrencia estrangeira, e diante de factos incontestaveis, os receios suscitados pelo tratado de commercio com a Inglaterra desvaneceram-se.

As nossas exportações nos oito primeiros mezes do anno de 1863, comparadas com as dos mezes correspondentes do anno findo, excederam-as em 233 milhões.

Durante o mesmo periodo, o movimento da navegação maritima excedeu a cifra da epoca precedente em 175,000 tonelladas das quaes 136,000 com bandeira franceza.

A colheita abundante d'este anno foi um beneficio da Providencia que torna mais barata a subsistencia da população, e ella prova tambem a prosperidade da nossa agricultura.

As obras publicas proseguiram com actividade. Perto de mil kilometros novos de caminhos de ferro foram entregues á circulação. Os nossos portos, rios, canaes, e estradas continuaram a melhorar-se.

A sessão tendo logar mais cedo que o costume, o relatorio do ministro das finanças ainda não foi publicado. Sel-o-ha proximamente. Vereis nelle que se as nossas esperanças se não realisaram completamente, as receitas subiram, e que sem recursos extraordinarios, fizemos face ás despezas occasionadas pela guerra do Mexico e da Cochinchina.

Devo apresentar-vos muitas reformas consideradas opportunas, entre outras, o decreto relativo á liberdade do fabrico do pão, o que torna a inscripção maritima menos onerosa á população das costas, o projecto que modifica a lei das coalisões, e o que suprime os privilegios exclusivos para os theatros. Eu faço egualmente estudar uma lei destinada a augmentar as attribuições dos conselhos geraes e communaes, e obstar ao excesso da centralisação.

Effectivamente simplificar as formalidades administrativas, modificar a legislação applicavel ás classes dignas de toda a nossa sollicitude, será este um progresso ao qual desejareis associar-vos.

Tereis tambem de occupar-vos da questão dos assucares, que precisa finalmente de ser resolvida por uma legislação mais estavel. O projeto submettido ao conselho d'estado tende a conceder aos productos indigenas a facilidade de exportação de que gosam os assucares das outras procedencias. Uma lei sobre o registro fará desapparecer a decima dobrada e substituirá esta taxa addicional por uma repartição mais justa.

Na Argelia, apezar da anarchia que submette as mesmas populações, umas ao poder civil, e as outras ao poder militar, os arabes comprehenderam quanto lhes é util o dominio francez, sem que os europeus tenham menos confiança na protecção do governo.

As nossas antigas colonias viram desapparecer as barreiras que difficultavam as suas transacções; mas as circumstancias não tem sido favoraveis ao desenvolvimento de seu commercio. O estabelecimento recente de instituições de credito virá, assim o espero, melhorar a sua sorte.

No meio destes cuidados materiaes não nos esquecemos do que respeita á religião, ao espirito e á moral. As obras religiosas de beneficencia, as artes, as sciencias, e a instrucção publica receberam novos incentivos. Desde 1848, o movimento escolar augmentou um quarto. Hoje perto de 5 milhões de creanças, das quaes um terço gratis, frequentam as escolas primarias, mas os nossos esforços não devem diminuir, por isso que 600,000 ainda estão privadas d'instrucção.

Os estudos superiores foram melhorados nas escolas secundarias, onde o ensino especial se reorganisa.

Tal é, senhores, o resumo do que nós já temos feito e do que queremos ainda fazer.

Certamente a prosperidade do nosso paiz tomaria um desenvolvimento mais rapido, se as preoccupações politicas não viessem perturbal-a; mas na vida das nações produzem-se successos imprevistos, inevitaveis, que se devem encarar sem receio e supportar sem desfallecer. D'este numero são a guerra da America, a occupação obrigada do Mexico e da Cochinchina, e a insurreição da Polonia.

As expedições longinquas, objecto de tantas criticas, não foram a execução d'um plano premeditado; foram as circumstancias que a isso nos impelliram, e por isso não nos devemos queixar d'ellas.

Como desenvolver effectivamente o nosso commercio exterior se, por um lado renunciassemos a toda a influencia na America, e pelo outro, em presença dos vastos territorios occupados pelos inglezes, os hespanhoes e os hollandezes, a França ficasse só sem possessões nos mares da Asia?

Conquistamos na Cochinchina uma posição que, sem nos sugeitar ás difficuldades do governo local, permittir-nos-ha explorar os recursos immensos d'estes paizes e civilisal-os pelo commercio.

No Mexico, depois d'uma resistencia inesperada, que a coragem dos nossos soldados e dos nossos marinheiros venceu, vimos as povoações acolher nos como libertadores. Os nossos esforços não serão estereis e seremos largamente indemnisados dos nossos sacrificios quando os destinos deste paiz, que nos deverá a sua regeneração, forem entregues a um principe que as suas luzes e as suas qualidades tornam digno d'uma tão nobre missão.

Tenhamos pois fé nas nossas emprezas d'além mar; começadas para vingar a nossa honra, terminaram pela victoria dos nossos interesses, e se espiritos prevenidos não adivinham o que encerram de fecundo os germens depostos para o futuro, não deixemos escurecer a gloria adquirida, por assim dizer, nas duas extremidades do mundo, em Pekin como no Mexico.

A questão polaca exige mais desenvolvimento.

Quando estalou a insurreição da Polonia, os governos da Russia e da França estavam nas melhores relações; depois da paz, as grandes questões europeias os tinham achado d'accordo, e não hesito em declaral-o, durante a guerra d'Italia, e quando teve logar a annexação do condado de Niza e da Saboia, o imperador Alexandre me prestou o apoio mais sincero e cordeal. Este bom accordo exigia attenções, e foi por julgar a causa polaca muito popular na França, que não hesitei em comprometter uma das primeiras allianças do continente, e elevar a voz em favor d'uma nação, rebelde aos olhos da Russia, mas aos nossos, herdeira d'um direito inscripto na historia e nos tratados.

Todavia esta questão tocava com os mais graves interesses europeus; ella não podia ser tractada isoladamente pela França. Uma offensa á nossa honra ou uma ameaça contra as nossas fronteiras são os unicos motivos que nos impoem o dever d'obrar sem accordo previo. Tornava-se desde então necessario, como na epoca dos acontecimentos do Oriente e da Syria, intender-me com as potencias, que tinham, para se pronunciar, rasões e direitos similhantes aos nossos.

A insurreição polaca, á qual a sua duração imprimia um caracter nacional, despertou por toda a parte sympathias, e a diplomacia teve em vista attrahir a esta causa as mais adhesões possiveis, afim de pezar sobre a Russia com todo o pezo da opinião da Europa. Este concurso de votos quasi unanime parecia-nos o meio mais proprio para operar a persuasão sobre o gabinete de S. Petersburgo. Desgraçadamente os nossos conselhos desinteressados teem sido interpretados como uma intimidação, e os passos dados pela Inglaterra, Austria e França, em logar de fazerem parar a lucta, ainda a aggravaram mais. De ambas as partes se commettem excessos, que em nome da humanidade se devem igualmente deplorar.

Que resta pois a fazer? Estamos reduzidos forçosamente á alternativa da guerra ou do silencio? Não.

Sem correr ás armas, sem nos calarmos — um meio ainda existe — é submetter a causa polaca a um tribunal europeu. A Russia já declarou — que conferencias onde todas as questões que agitam a Europa seriam debatidas, não offenderiam em coisa alguma a sua dignidade.

Tomemos nota d'esta declaração. Sirva ella para extinguir, uma vez por todas, os fermentos de discordia prestes a apparecer de todos os lados, e o proprio mal estar da Europa, trabalhada por tantos elementos de dissolução: faça ella nascer uma nova era d'ordem e paz!

Não chegaria o momento de reconstruir sobre nova base o edificio minado pelo tempo e destruido peça a peça pelas revoluções?

Não seria urgente reconhecer por novas convenções o que está irrevogavelmente consummado, e completar de commum accordo o que reclama a paz do mundo?

Os tratados de 1815 deixaram d'existir. A força das coisas destruiu-os quasi em toda a parte. Foram rasgados na Grecia, na Belgica, na França, na Italia, no Danubio. A Allemanha agita-se para os alterar; a Inglaterra generosamente os modificou pela cessão das ilhas Jonias, e a Russia calca-os aos pés em Varsovia.

No meio d'esta destruição successiva do pacto fundamental europeu, as paixões ardentes se sobreexcitam, e no sul, como no norte poderosos interesses pedem uma solução.

Que coisa mais legitima e sensata pois, do que convidar as potencias da Europa a um congresso, onde os amores proprios e as resistencias desapparecessem deante de um arbitramento supremo?

Que coisa mais conforme com as idêas da epoca, e com os votos do maior numero, do que appellar para a concorrencia, e para a rasão dos homens d'estado de todos os paizes, e dizer-lhes:

«Os preconceitos, os rancores que nos dividem, não teem já durado de mais?

A rivalidade, os ciumes das grandes potencias, impedirão sempre os progressos da civilisação?

Havemos de sustentar perpetuamente mutuas desconfianças com armamentos exagerados?

Os recursos de mais preço devem indefinidamente esgotar-se n'uma vã ostentação das nossas forças?

Conservaremos energicamente um estado que nem é a paz com a sua segurança, nem a guerra com os seus successos felizes?

Não demos por mais tempo uma importancia facticia ao espirito subversivo dos partidos extremos, oppondo-nos com mesquinhos calculos ás legitimas aspirações dos povos.

Tenhamos a coragem de substituir um estado mau e precario por uma situação estavel e regular, custe ella os sacrificios que custar.

Reunamo-nos sem systema de reservas, sem ambição exclusiva, animados só do pensamento d'estabelecer uma ordem de coisas fundada sobre o interesse bem comprehendido dos soberanos e dos povos.

Este appello, quero acredital-o, será ouvido por todos. Uma recusa faria suppôr secretos projectos que receiam apparecer á luz do dia; mas, quando mesmo a proposta não fosse unanimente acceite, teria a immensa vantagem de ter indicado á Europa, onde está o perigo, e onde a salvação. Dois caminhos estão abertos, um leva ao progresso pela conciliação e pela paz, o outro mais tarde ou mais cedo, ha de levar fatalmente á guerra pela obstinação em sustentar um passado, que se desmorona.

Ficaes assim sabendo, senhores, a linguagem que me proponho fallar á Europa. Approvada por vós, sanccionada pela oppinião publica, não pode deixar de ser escutada, porque fallo em nome da França.»

Ao que acaba de ler-se só devemos accrescentar, que, segundo dizem os jornaes, começaram já as manifestações diplomaticas annunciadas no discurso do imperador dos francezes. Napoleão III, em uma carta dirigida a todos os soberanos alliados e amigos da França, carta que, no dizer da «Presse de Pariz», se considera ainda mais notavel do que o seu discurso de 5 do corrente, propõe que se reunam em congresso para

n'elle procurarem sem systema preconcebido, sem ambição exclusiva, os meios pacificos os mais efficazes para pôr termo a um estado enfermo e percario, e para lhe substituir uma situação estavel e regular, embora ella devesse custar sacrificios.

A anciedade com que todos esperavam o discurso do imperador bem deixa ver o pezo que teem as opiniões e deliberações do grande politico que preside aos destinos da França. Napoleão III traçou em seu discurso um plano grandioso e arrojado, e, homem de acção, preparou se para executal-o o mais promptamente possivel, dirigindo uma circular aos monarchas da Europa amigos da França.

A idêa do congresso europeu, indicada no discurso de Napoleão, póde ter e cremos que terá excellentes resultados. Aguardemos os acontecimentos.

De politica externa é o que hoje ha mais notavel. O mais que podiamos dizer aos leitores, e que tambem não é destituido de importancia, ficará para o seguinte numero em consequencia da falta de espaço.

CHRONICA DISTRICTAL

Prometti dar aos eleitores do «Districto» algumas noticias d'esta nobre terra de Santa Maria, e vou cumprir a minha palavra.

Principiarei advertindo ao meu amigo Nicolau da Maia que disse uma grande tolice quando affirmou que o articulado do observador, inserto em o n.º 1174 do «Campeão», era uma das suas melhores peças. Na minha opinião, aquelle aranzel de farelorio está muito longe de poder disputar as honras do ridiculo a essa estopada phantastico mentirosa, que tanto exalta o n.º 1178 do mesmo jornal.

E foi para elaborar um tal aborto que se fizeram tantos preparativos, que se reuniu o conclave de Souto Redondo, que se chamou do Porto um caixa d'oculos! Mas ao menos valeu a pena. Aquelle embroglio com pretenções de literatura nunca chegaria a tão subido gráo de espirito, se não fôra a lima aprimorada do traductor do diccionario das heresias, scismas, e erros, a quem, mais propriamente, chamarei auctor dos erros, e heresias da traducção, e scismatico da linguagem.

O mais bonito são os commentarios, que se teem feito a proposito da tal peça. Ahi vae um que eu presenciei entrando em casa de....

—O' Augusto, tu tiveste por vis á vis algum pedreiro, ou ferreiro?

—Estás maluco.

—O' prima, tu tiveste algum par, que te fallasse de vinho ou trote de cavallos?

—Estás a cassoar commigo? Que quer dizer essa pergunta?

—Não vale zangar, minha sr.ª, disse um ratão do lado. Sua prima viu isso no «Campeão», mas o que, de certo, não viu é que vinha assignado pelo observador. Se tivesse notado esta circunstancia, logo comprehendia que aquellas descripção não eram outra cousa mais, que as reminiscencias de certos bailes, que tem havido ahi para a quinta dos... em que a chula e canaverde tem feito as delicias dos curadores da malla posta.

Organisou-se aqui uma nova commissão eleitoral, bem vestida, e bem calçada, robusta, e nedia que faz cobiça. Ella tem por fim supplantar a outra commissão antiga, principiando pelas proximas eleições municipaes. Filha predilecta d'um alto personagem de costa a cima, tendo á sua dispozição elementos gigantescos, ella promette couzas assustadoras.

Segura pelas grossas raizes lançadas em terreno fertil, e tão bem preparado pela passada administração; escoltada pelas bayonetas do contracto, acompanhada de todo o clero, levando na sua frente um ramo de verde louro, para que nenhum emblema de triumpho possa faltar-lhe; recommendada pelo correio de Paris, embalada nos pergaminhos do conde do Bolhão; *Santo Cuerpo de Dios*! Nem tanto era preciso para escangalhar uma pobre velha, e, mais que velha, esfarrapada.

Com tudo tenho ouvido dizer a muitas pessoas bastante esperimentadas n'estes negocios que a tal velhota não está disposta a ceder o campo sem combate, e que é muito capaz de fazer suar a creança por todos os poros. Eu ponho-lhe duvida, porque esta, além dos attractivos da novidade, tem um palavriado magnifico para illudir os papalvos. Para se fazer uma idêa d'este palavriado darei, na seguinte missiva, o extracto dos discursos de dous tribunos d'esta nova commissão, quando fez em S. Bento a sua primeira reunião.

Acabo de ver em outro numero do «Campeão» um pequeno artigo de redacção, que chama a attenção da imprensa sobre o que lhe diz o observador da Feira! Fui a correr ver a chronica, e declaro que não pude deixar de me rir com vontade.

Eu estive na reunião da commissão eleitoral, que houve na Feira no dia immediato ao baile, e posso dar-lhe minha palavra de honra, sr. redactor, que nem lá esteve o sr. governador civil, nem o sr. José Luciano, nem observei cousa nenhuma das que conta o observador.

Onde terá este homem o seu deposito de calumnias? Deve ser um edificio monstruoso!!

Feira, 31 do outubro de 1863. *R. C.*

Começo esta por vos dizer que o sr. João do José Bento emparvoece, se os seus esforços não são coroados com o triumpho eleitoral, o que está muito longe de conseguir.

A' força de luctar com as suas fugitivas esperanças, quasi que estontêa e cáe, por alguns dias, n'uma prostração e abatimento indiziveis. Ergue-se depois d'essa especie de paroxismo, prognostico fatal da sua morte, que já anda batendo as suas estridulas azas em torno da urna, para depois o amortalhar em alguns centenares de listas que d'ella hão de ser extraídas. N'este estado febricitante o desvairamento, o delirio e a doidice sóbem até ao zenith.

E é depois d'esse despertamento excepcional que elle ensaia tudo o que lhe advem á abeça, inteiramente vasia de encephalo. Prepara nas feiras orgias monstruosas; arvora-se em summo-sacerdote de Baccho; convoca todos os necessarios ministros da religião vinicula mediante uma pichorra do que faz arrebitar as ventas, e com uma ou duas regueifas: chamam se todos os correligionarios, accende se a pyra, lançam-se n'ella alqueires de castanhas, apaga-se, depois de assadas estas; acercam-se d'ellas os fieis e os sacerdotes, e emquanto uns predicam a preferencia da lista do João do José Bento, e fazem por confirmar na fé os estremecidos, andam outros arrebanhando refalsadamente os de outra communhão para juncto das castanhas. Apenas ellas entram no gorgomilo, prega o insigne João, á similhança de Frei João Mocho, o exterminio da nossa religião politica, exortando-os a regenerarem-se nas aguas do seu baptismo sob a comminação de serem aniquillados com as suas petardas e piques, quando restabelecer no concelho a tetrarchia despotica e prepotente.

Os homens comem-lhe a isca, e deixam-lhe o anzol, dando lhe esperanças mentirosas: e assim fica contente o pobre louco!

A última d'estas funçanatas bacchicas teve logar no mercado da Fontinha, no dia 10 do corrente, onde foram devorados alguns alqueires de castanhas.

— Consta que o sr. dr. Albino da Piedade, sub-delegado em Oliveira do Bairro, vae ser nomeado administrador do concelho do mesmo nome. A escolha é acertada. Tantos louvores cabem ao sr. governador civil em o propôr, como ao governo em o despachar.

Estimamos muito que tal boato se realise.

O sr. dr. Albino é um cavalheiro de qualidades pouco vulgares. Reune a um porte franco, leal e sincero, bastante inteireza, intelligencia, energia e tal inflexibilidade em pezar com toda a rectidão a justiça, que muito me admiro de que o governo não tenha melhor remunerado os serviços de s. s.ª, despachando-o, em vez de administrador para Oliveira, delegado do procurador regio para qualquer comarca.

Os predicados e serviços de s. s.ª são dignos d'outra recompensa mais em harmonia com elles.

Não se esqueça, porém, o governo do sr. dr. Albino, para lhe dar em occasião opportuna uma remuneração, mais digna dos seus serviços e merecimentos, e terá demonstrado ao paiz que as protecções não lhe fazem vergar a vara da justiça para dar preferencia a quem a não tem nem por serviços, nem pela intelligencia.

— Chegou já do mar o sr. visconde da Borralha e toda a sua ex.ma familia, de perfeita saude, e na posse da mesma estão ainda, o que lhe desejam todos os seus amigos.

— Tambem chegou á sua casa d'Aguada de Cima o sr. dr. Agostinho, vindo da costa da Torreira. Dizem-me que s. s.ª melhorou em sua importante saude com os banhos.

— A companhia — Torres — do Porto tem comprado por ahi toda a laranja. Toda a semana passada e parte d'esta, esteve um numero consideravel de pessoas na Falgarosa a apanhar a do grande pomar do sr. Albano José Rodrigues Castello Branco.

E' toda transportada pelo rio Agueda para Ovar, e d'ali em carros para o Porto.

Perguntei se não lucravam mais, fazendo-a levar nos caminhos de ferro, e responderam-me que não; o que me maravilhou; porque julguei sempre que os preços eram muito mais baixos, do que os do transporte em carros e em barcos.

— As sementeiras do trigo, centeio e cevada já começaram, e progridem com grande actividade, para o que concorre o tempo, que lhes vae favoravel.

— A azeitona está quasi madura, mas a colheita é menos que mediana.

— A colheita dos medronhos na freguezia da Castanheira está meia feita. Ha este anno grande abundancia d'elles; e por isso muitas devem ser tambem as pipas d'agua-ardente.

Concelho d'Agueda, 12 de novembro de 1863. ***

Andam por aqui em começo os trabalhos para a futura eleição municipal. A auctoridade diz-se que entrevem, e que procura fazer vencer a reeleição da camara actual. Não censuramos a intervenção da auctoridade, mas parece-nos que, quando mesmo não trabalhe pela reeleição da camara tal qual está, não será feliz na escolha. Temos pelo menos para dever suppol-o os exemplos dos dois biennios antecedentes.

N'este concelho ha sem duvida pessoas habilitadas para o cargo de vereador, e essas deviam ser as escolhidas. Ignoramos porém que máu fado nos persegue, porque parece que se procura, não escolher o melhor, mas o menos bom. Ha quatro annos que pode dizer-se não temos camara.

Parece tambem que devia ser escolhido para presidente um homem formado, porque os ha no concelho, e innegavelmente são estes os mais competentes para comprehenderem bem as necessidades do municipio, e satisfazel-as. Igualmente se não tem feito isso, e a escolha tem recahido em homens, não só leigos, mas inintelligentes.

N'este caso está o actual presidente da camara, homem rude, posto que honrado, e alem d'isso d'ma indolencia excessiva. Em similhantes mãos, já se pode ver como tem corrido a administração municipal.

Tem este concelho cerca de 20 kilometros d'area, muitos baldios (pelo menos a terça parte) que podiam constituir uma boa verba de rendimento, mas tudo isso corre ao desmazelo. A respeito de melhoramentos concelhos não fallemos. É cousa que por cá se não conhece.

Confessamos que desejavamos do coração que se elegesse uma vereação progressista, mas cremos que tudo continuará na mesma. Continuará a mesma inercia, e, para fugirem dos bacharéis, irão cair nas garras da ignorancia, que continuará a representar o concelho, e a ser causa das desordens porque elle desgraçadamente tem passado. Antes nos enganemos.

Terminaremos por apresentar á consideração dos nossos conterraneos duas listas de homens, que estamos persuadidos que haviam de prestar importantes serviços ao concelho. São as seguintes:

1.ª

Dr. João de Figueiredo Pacheco.
Dr. Agostinho Lobo.
Dr. José Maria Lobo.
Antonio Martins Henriques.
Antonio Augusto Martins Vidal.

2.ª

Dr. João de Figueiredo Pacheco.
José Martins Pereira da Silva.
Manuel Tavares da Silva.
João Machado de Lemos.
Alexandre da Levada.

Sevêr do Vouga, 12 de novembro de 1863.

NOTICIARIO

Principe estudante. — Saíu de Copenhague em direcção á Inglaterra, o principe Frederico da Dinamarca, primogenito do principe Christiano, e irmão da princeza de Galles. S. A. vae frequentar a universidade de Oxford.

A Russia prepara-se. — Parece que se estão actualmente construindo nos arsenaes de Boston e Nova-York, por conta do governo de S. Petersburgo, mais seis navios couraçados e armados de esporão, além de doze «monitores», segundo o systema aperfeiçoado do engenheiro Erikson. Em 15 de maio proximo, quando não seja antes, devem achar se concluidos estes vasos, que serão entregues ás auctoridades russas de Cronstadt. As despezas e perigos de transporte correm por conta dos emprezarios constructores.

Por ordem do mesmo governo foram mandados crear duzentos regimentos de cossacos, sendo cento e cincoenta do Oremburgo, e cincoenta do Don.

Esquadra franceza no Funchal. — Fundeou no porto do Funchal, em 28 do passado, uma esquadra franceza, commandada pelo vice-almirante Pinaud. Consta de duas naus vapor, «Napoleon» e «Trouville», 5 fragatas couraçadas, «Invencible», «Solferino», «Magenta», «Normandie» e «Couronne», e um vapor, «Talisman».

A esquadra anda em viagem de experiencia.

Casamentos. — Parece que estão definitivamente resolvidos os casamentos das princezas imperiaes brasileiras as senhoras D. Izabel e D. Leopoldina. Com a primeira casará o filho segundo do rei Belgica; á segunda é destinado o duque de Penthievre, filho do principe de Joinville.

Diz-se que para aquelle fim virá á Europa, depois de abertas as camaras, uma embaixada composta dos senhores marquez d'Abrantes e F. Octaviano, como secretario.

Outro. — Diz-se que está para casar em Roma com um cavalheiro inglez a enteada do sr. duque de Saldanha. O noivo parece que pertence a uma familia nobre, que tem prarentesco com o sr. visconde de Beneguasil, e de mais a mais é abastado.

Promoção. — Por decreto de 4 do corrente foi promovido a lente cathedratico da faculdade de direito o lente substituto da mesma faculdade o sr. dr. Paes da Silva Junior. O sr. Paes Junior vae reger a cadeira de direito romano, vaga pela jubilação do sr. dr. Frederico d'Azevedo.

Commissão de soccorros. — A commissão nomeada na capital para promover uma subscripção em favor dos habitantes da provincia de Cabo Verde, assolada pela fome vae mandar quanto-antes áquelles infelizes um navio carregado de trigo.

O sr. duque de Palmella (Antonio) presidente da commissão, subscreveu com mais de dois contos de réis; S. M. el rei o senhor D. Luiz com 1:000$000 de réis; S. M. a rainha a senhora D Maria Pia com 600$000 réis, e por S. A R. o principe D. Carlos subscreveu el-rei com 400$000 réis.

Diz um jornal de Lisboa que S. M. el-rei o senhor D. Luiz, por occasião de subscrever em nome do Principe Real, pronunciara estas memoraveis palavras:

«Subscrevo tambem com quantrocentos mil réis pelo Principe Real e confio que elle no futuro agradecerá ter posto o seu nome pela primeira vez em documento publico para exercer um acto de tão justa caridade.»

Não são palavras inuteis, accrescenta o mesmo jornal, para quem quizer estudar o grande caracter deste irmão de D. Pedro V, filho de D. Maria II e neto de D. Pedro IV.

Horroroso attentado. — Uma scena d'espantoso assassinato, conta o jornal a «Presse», teve logar na segunda feira, ás oito horas e meia da noite, n'uma casa de campo dos Arcos, districto de Draguignan.

Um piemontez, chamado Antonio Meinardi, com vinte e cinco annos de edade, e empregado nos trabalhos do caminho de ferro, depois de ter acceitado de jantar em casa da familia Lombard, que o tinha hospedado gratuitamente durante tres mezes, apunhalou ao sahir da meza, a sangue frio, e sem provocação alguma, o pae, o filho e a filha, e depois fugiu vendo que uma visinha conseguira salvar-se para ir chamar por soccorro.

Julga-se que o roubo fosse o principal motivo do crime, mas que não tivera tempo de o executar, por causa da proximidade da *gare*, cujo pessoal inteiro acudiu logo, infelizmente ja muito tarde.

O pae morreu; o filho recebeu uma punhalada, que atravessando lhe a barba, lhe chegara a um olho; a filha foi salva em rasão da espessura das suas saias, que, abrandando os golpes, fizeram com que ella recebesse apenas algumas feridas leves.

Conta-se que depois de ter terminado este horroroso attentado, este miseravel sahira mui tranquillamente da casa, dizendo para uma pessoa que se tinha refugiado em cima d'uma ramada:

«Fazia muito melhor se descesse e os fosse tractar.»

O mais lastimoso é que se perderam os vestigios d'este homem, e tem de se fazer pesquisas em todas as direcções, para o encontrar.

(Com. de Coimbra.)

Questão honrosa para o paiz.—Ha pouco debateu-se na imprensa medica franceza uma questão de prioridade sobre um ponto scientifico, a qual nos deve interessar por mais de um motivo.

Um medico de Paris, o sr. Durozier escrevendo uma memoria a respeito do *duplo sopro crural intermittente* considerado como signal da *insufficiencia aortica*, attribuiu a si a descoberta d'este symptoma, como meio de reconhecer a molestia do coração denominada *insufficiente aortica*.

Um professor da escóla de medicina de Lisboa, o sr. dr. Alvarenga, havia escripto em 1856 uma memoria sobre a mesma doença. Na sua obra, que foi trasladada em lingua franceza e fez o auctor conhecido entre os homens mais distinctos que cultivam a medicina, tratava este academico do duplo sopro crural conforme as suas observações clinicas.

O sr. dr. Garnier, traductor dos livros do sr. Alvarenga, vendo que o dr. Durozier pretendia eclipsar a gloria do medico portuguez, saiu a terreno para contestar o direito de propriedade que avocava a si o dr. Durozier, e a este proposito houve uma discussão bastante acalorada, mas que, como geralmente acontece, quando as summidades scientificas se empenham em debate prolongado, não chegou a uma conclusão acceita pelos esforçados contendores.

O juiso publico foi constituido em jury supremo e a pendencia *sub judice lis est.*

Tendo cessado a discussão entre os dois medicos francezes, o sr. dr. Alvarenga, dirigiu ao sr. Durozier uma missiva notavel, na qual attendendo menos á questão da prioridade que ao ponto verdadeiramente scientifico, qual é a importancia do duplo sopro crural na insufficiencia aortica, foi patentear lá fóra, ainda mais uma vez, que tambem cá n'este cantinho da Europa se estuda, se pensa, se escreve, *se faz sciencia*, emfim, embora se não faça tanto ruido, como sobem os medicos da capital do mundo civilisado.

O conjuncto das correspondencias provenientes da questão levantada pelo dr. Durozier, defendida pelo dr. Garnier e tratada superior e scientificamente pelo sr. dr. Alvarenga, fórma um opusculo de 23 paginas em 8.º com o titulo — «Estado da questão ácerca do duplo sopro crural na insufficiencia das valvulas aorticas, pelo dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga, lente da escóla de medicina de Lisboa, socio effectivo da academia real das sciencias, redactor principal da «Gazeta Medica de Lisboa» etc. etc.»

O auctor quiz apresentar ao publico competente as peças do processo a fim de ser julgado pelos seus pares. E' procedendo assim que a medicina portugueza ha de ser considerada no estrangeiro e por este motivo folgamos no intimo de registrar aqui mais um triumpho do sr. dr. Alvarenga.

Se já tivemos um João Rodrigues Castello-Branco, um Garcia da Horta, João Ferreira da Rosa, João Cardoso de Miranda, Francisco Sanches, Rodrigo de Castro, Antonio Nunes Ribeiro Sanches e muitos outros medicos illustres que levaram longe a fama da antiga medicina portugueza, na actualidade possuimos com desvanecimento um Alvarenga, um Bernardino Antonio Gomes, Francisco Barral, Antonio Maria Barbosa, Magalhães Coutinho, Thomaz de Carvalho, Pedroso Arantes, Simas, que podemos oppôr aos mais bem conceituados facultativos que dão renome á medicina franceza, ingleza e alemã.

(Rev. de Setembro.

Expediente.—Em consequencia da grande quantidade de materias, que já estavam compostas destinadas a preencher o presente número, não nos foi possivel publicar a correspondencia particular de Coimbra, que recebemos pelo correio de hontem. Irá no seguinte número.

Pelo mesmo motivo deixamos de publicar uma correspondencia do sr. dr. Janeiro, e outros escriptos que ficam em nosso poder, e que irão tendo vez nos seguintes números.

Tentativa de furto. — Em uma das ultimas noites pelas 8 horas, tentáram furtar de um barco, que se achava amarrado junto á casa que chamam os moinhos do Cojo, alguma madeira destinada á factura de laranja, que ali se está preparando para embarque por conta do sr. José Martins Torres, negociante do largo da Bandeira, de Villa Nova de Gaya.

Os homens que estavam dentro da casa sentiram os ladrões que, vendo-se descobertos, se lançaram a agua, e para evitarem nova tentativa, os guardas julgaram prudente conduzir o barco para defronte da alfandega, porque assim podiam dormir á vontade, confiados na vigilancia da sentinella, que costuma estar de noute á porta d'aquella casa fiscal.

Commemoração.—A' hora em que escrevemos (11 da manhã) estão-se celebrando exequias pelo eterno descanço dos prelados que occuparam a cadeira episcopal d'esta diocese.

Estas exequias costumam ter logar todos annos no dia de hoje. Assistem os professores e estudantes do seminario e officia o exm.º vigario geral.

Pedido. — Parece que foi prohibida a todas as pessoas a passagem na ponte de Esgueira.

Esta ordem que a mor parte da gente ainda ignora, póde dar logar a algum conflicto que cumpre evitar.

Para isso pedimos e esperamos que o sr. Lobo d'Avila mande collocar uma taboleta nas entradas da ponte, designando esta prohibição, para que, conhecida que seja, se não possa transgredir.

Uma pessoa que no domingo quiz atravessar a ponte, e que achando-se já na sua extremidade teve a prudencia de retroceder á ordem do guarda, veio-nos pedir que fizessemos esta advertencia.

Nem todos terão a mesma paciencia, pois é desagradavel voltar a traz tendo-se caminhado cerca de 100 metros, que tanta é a extensão da ponte de Esgueira.

Esperamos a bem do publico que o sr. Lobo d'Avila attenda o nosso pedido.

Assassinatos.—Contam os jornaes de Lisboa que ás 2 horas da noute de 13 do corrente fôra assassinado com uma facada na região intestinal o sr. Alexandre Eugenio do Couto, estudante de preparatorios, o qual n'aquella occasião se achava conversando á porta do Marrare com alguns amigos que pouco antes haviam a pasigoado, uma desavença levantada n'aquella loja de bebidas entre elle e o seu assassino Manoel Gonçalves, por alcunha o andaluz.

O malfeitor evadiu-se, apezar das diligencias que fizeram para o apanhar os amigos do sr. Couto.

Em Cezimbra foi tambem assassinado com uma forte pancada na cabeça um individuo por nome Antonio José, o moleiro.

Finalmente, em Loures houve em um dos ultimos dias uma desordem, em que um individuo foi morto com dezesete facadas, ficando além d'isso gravemente feridos outros por cuja vida muito se receia. A respeito d'este ultimo acontecimento juramos nas palavras do «Algaraviense».

Incendio.—Pelas duas horas da madrugada de hoje manifestou-se incendio em uma casa do lavrador Antonio Gonçalves, de Villar. Dormia n'ella um rapaz, criado, engeitado, que apenas deu fé do fogo, gritou por soccorro, mas como aquella ficava distante das outras habitações, não foram ouvidos os gritos do rapaz que ficou exposto ás chammas, ficando por isso muito mal tratado. O infeliz foi transportado em uma maca para o hospital d'esta cidade.

O rapaz antes de se deitar tinha accendido lume á porta da casa, que servia de guardar palha, e não tendo cuidado de o apagar communicou-se o fogo á porta e d'esta á palha.

Fatalidade. — Um d'estes dias foi uma taberneira d'esta cidade pedir uma divida a um sujeito que mora ahi perto do Cojo. A mulher do devedor offendida com o desproposito da credora, pegou em um machado, com que ameaçava bater-lhe; o marido que pensou que a cousa era a valer, foi para lhe tirar a terrivel arma, mas achando-se por de traz da mulher, esta deu-lhe sem querer com o cabo do machado uma tão forte pancada n'um olho, que o pobre do homem está em grande perigo de ficar cego d'elle, por causa do genio atrabiliario da sua cara metade.

Fallecimentos. — Falleceu em Lisboa o sr. Thomaz Okeef, muito antigo commerciante d'aquella praça, e homem honrado.

Consta igualmente que falleceu na Figueira da Foz o sr. Gaspar da Graça Correia de Lacerda, juiz direito d'aquella comarca.

Lentes commendadores. — Aos srs. dr.es Achilles e Donato, professores da faculdade de theologia, foi concedida a commenda de Christo.

Errata. — No nosso último número escapou entre outros o seguinte erro:

Na colum. 4.ª da 1.ª pag., lin. 9.ª e 10.ª, onde se lê=exigencias de deputados da opposição=, devia lêr-se=exigencias de deputados governamentaes.

CORREIO

N'esta secção do nosso jornal nada temos hoje de politica a noticiar aos nossos leitores, por que nada ha, ou pelo menos nada dizem os jornaes que recebemos. Nem mesmo temos boatos que reproduzamos.

A demissão do governador civil de Santarem, o sr. Guerra Quaresma, dá assumpto para os jornaes das differentes côres politicos a avaliaram a seu modo. Alguns periodicos da opposição atribuem esta demissão a uma vingança mesquinha do sr. ministro do reino; os governamentaes, e com estes todos os homens que conhecem o nobre caracter do illustre ministro, repellem uma tal asserção como affrontosa á sua dignidade.

O «Progressista» responde aos aggressores do sr. Anselmo José Braamcamp nos seguintes termos:

«Ha certas accusações que se refutam apontando unicamente para o caracter dos homens a quem se dirigem, tal é a respeitabilidade d'estes, e a improcedencia como o excesso d'aquellas.

Só quem não conhece a respeitabilidade do caracter do sr. Anselmo José Braamcamp ousará dizer que s. ex.ª, como ministro da corôa, exerceu uma vigança sobre um empregado superior, ou inferior, por motivos particulares pouco convenientes á sua dignidade.

Se o sr. ministro demittiu o governador civil de Santarem, estava no pleno direito de o fazer, e nem a imprensa, nem mesmo o parlamento pode exigir do ministro contas por esse facto.

O governador civil é uma auctoridade de confiança que o ministro do reino nomeia e demitte.

Os motivos, a que a maledicencia já ha tempo quer attribuir a demissão, são falsissimos, e admira-nos que dois periodicos que podem não querer o sr. Braamcamp para ministro, mas tem o conhecimento bastante de s. ex.ª para não deverem acreditar, nem tão pouco authorisar insinuações tão offensivas d'aquelle nobre e venerando caracter, que pela sua probidade inconcussa é um idolo do partido progressita; admira, dizemos, que tenham tão pouco respeito pela moralidade, e cavalheirismo pela opinião publica, que não duvidem atirar com uma similhante injuria sobre um homem de bem.

Que quer a «Revolução» que nós digâmos? Discute-se por ventura similhante questão?

Pena é que a politica chegue ao excesso de querer explicar os actos do governo mais innocentes e triviaes, por factos d'esta natureza.

Não se tem em vista a causa publica nem interesse algum do estado.

Querem só offender as pessoas, fazendo-o comtudo por modo que se escapam a qualquer responsabilidade.

Que querem que lhes digâmos? Que o ministro é um homem de bem, um caracter respeitavel, e um cavalheiro incapaz de praticar o que se lhe imputa? A «Revolução» sabe-o, e sabem-no os que o offendem.

Que motivos são esses a que se referem? Expliquem-se e tenham ao menos a coragem da calumnia, já que não querem ter o respeito pela honra, e pelas virtudes dos outros, só porque são adversarios seus.

O sr. ministro do reino demittiu o sr. Quaresma, de certo por entender que elle não convinha ao serviço publico. Não ha outra razão a dar.

Parece que o que mais custa n'este paiz é ser homem honrado; pelo menos aquelle que subir a algum dos logares eminentes do poder politico tem que preparar-se para o sacrificio das suas mais nobres qualidades, diante dos ataques envenenados de uma certa escóla, que elevou a politica a uma preversidade.

Renegariamos da regeneração moral d'este povo, se não vissemos que felizmente faz excepção tão monstruoso systema de aggredir os adversarios, levando os mais violentos aggravos ao fundo do seu espirito.

Ha de ser pela perseverança dos homens de bem que havemos de ir limpando a sociedade d'esta lepra que ainda a contamina, a despeito da civilisação.

Tanto podem as paixões!»

Nada por ora de regulamentar se tem publicado pelo ministerio das obras publicas sobre credito predial.

Além da proposta feita pela companhia Utilidade Publica para a fundação de um banco hypothecario com a sua sede, e administração geral em Lisboa, consta que outras teem sido feitas ao governo, e até por companhias estrangeiras. A opposição sempre avida de agarrar assumptos com que arme á popularidade, e guerree o ministerio, não duvida espalhar que o governo dará preferencia a alguma proposta de companhia estrangeira.

Não acreditamos que o nobre duque de Loulé acceitasse e preferisse uma companhia estrangeira a uma portugueza, quando ambas se apresentassem em iguaes circunstancias de crédito e de vantagens para o paiz. Não vemos mesmo razão nenhuma em que se fundamente uma tal asserção.

Confiamos muito em o nacionalismo do sr. presidente do conselho de ministros, para que possamos nem ao menos suspeitar uma tal preferencia.

Havendo, como em verdade ha, muitas propostas para o estabelecimento d'estes bancos, a preferida ha-de ser aquella que mais garantias der de credito, d'interesse e de commodidades para o paiz.

Já se acha restabelecido do seu incommodo de saude o sr. Gaspar Pereira da Silva. Asseverava-se que na segunda-feira 16 do corrente reassumiria a gerencia da pasta dos negocios ecclesiasticos e das justiças, a cargo interinamente do sr. ministro do reino.

Referem alguns jornaes que o sr. duque de Saldanha brevemente regresserá a Roma, e que a sua maior demora em Londres tivera por fim tractar d'um casamento d'uma enteada com um inglez d'uma grande fortuna e que dizem ainda ser parente do sr. visconde de Beneguazil. Este casamento deverá brevemente effectuar-se em Roma.

Em a noite de 13 do corrente, quando no theatro de S. Carlos se representava a «Lucrecia Borgia» deu-se um caso verdadeiramente comico e que provocou o riso geral quer dos actores, quer dos espectadores. Eis como o conta o «Jornal do Commercio» de 14 do corrente:

«Hontem voltou á scena a opera «Lucrecia Borgia», havendo concorrencia regular nos camarotes e nas platéas.

A sr.ª Devriés foi estrondosamente applaudida na sua aria do 1.º acto, e no rondó e acabada a opera veiu ao proscenio duas ou tres vezes como o sr. Mongini.

A distincta cantora confirmou a apreciação que d'ella fizeramos. E' na verdade uma professora completa e a sua voz é potente e admiravel nas notas agudas.

Mongini cantou por um modo arrebatador a romanza «D. Sebastião» e o final da opera; n'este, especialmente, conquistou geraes e prolongados applausos.

Aqui succedeu um lance comico.

Gennaro morre envenenado com um veneno que lhe subministra sua mãe, a qual todavia não quer que elle morra, e além di'sso quer que elle a ame como filho extremoso, não lhe dizendo ella que é sua mãe, e depois de o ter envenenado! Exquisitices de Victor Hugo.

Emfim Mongini depois de cantar admiravelmente na sua qualidade de Gennaro um dos mais bellos trechos de Donizetti, morre ao som dos mais enthusiasticos applausos do publico.

Mongini cahe dos braços da sua afflicta mãe, e exhalando o ultimo suspiro, fica estendido no chão.

O publico continua a applaudir o illustre tenor, por morrer tão bem. O sr. Mongini entende que é uma incivilidade continuar morto, quando por sua causa ha tamanha agitação no theatro, e tanta consideração por elle; por conseguinte, resolve resuscitar, e cil-o de pé, agradecendo aos espectadores os applausos que lhe dão. E depois, conhecendo que era uma outra incivilidade declarar-se novamente morto, retira-se da scena, para não ter que se estender no palco, sem haver prevenido o respeitavel publico de que ia morrer segunda vez.

No entretanto chega aos gritos de Lucrecia, o terrivel Affonso, personificado no sr. Beneventano, e procura o filho de sua mulher e não o acha; então dirige-se aos coristas, que ali estavam observando aquella scena de familia, e pergunta-lhes o que é feito do filho da sua esposa, e elles, sem respeito á scena luctuosa que se passava, desatam a rir, e com elles ri o publico, ri o sr. Beneventano, riem até as coristas, e a propria Lucrecia, apezar de lhe terem interrompido a explosão da sua dôr maternal, começa a rir, addiando o famoso é *spento!* para depois de passada a hilaridade geral.

Foi uma scena engraçadissima, e que muito divertiu o publico, o qual, depois se pôz serio para ouvir os lamentos e as imprecações de Lucrecia, cantados perfeitamente pela s.ª Devriés.»

O sr. ministro da marinha de combinação com o seu collega da fazenda abriu um credito supplementar de 12 contos de réis, para acodir á fome dos nossos irmãos de Cabo-Verde. O sr. ministro do reino tambem expediu uma circular a todos os governadores civis para estes nomearem commissões que egualmente promovam soccorros para aquella nossa possessão do ultramar.

A commissão nomeada para este fim em Lisboa é composta de ricos capitalistas, e já foi ao paço saber com quanto SS. MM. queriam subscrever, e obteve um bom resultado. S. M. El-Rei subscreveu com 1.000$000 de réis; S. M. a Rainha com 600$000 réis; e o principe real com 400$000 réis.

Quando S. M. El-Rei subscreveu com réis 400$000 em nome de seu augusto filho, consta que proferira as seguintes memoraveis palavras «subscrevo, disse El-Rei, com 400$000 réis pelo principe real, e confio que elle no futuro agradecerá o ter posto o seu nome pela primeira vez em documento publico para exercer um acto de tanta caridade.»

No paquete vindo do Brazil, e chegado a Lisboa no dia 14 veio o sr. Antonio José Duarte Nazareth e a sua familia.

No Porto os trabalhos para a recepção da visita de SS. MM. progridem com todo o afan.

O sr. ministro da marinha, e o seu secretario, o sr. Sori, devem chegar ámanhã áquella cidade, e tambem o sr. Thiago Horta, que partirá logo para Braga para ir fazer os preparativos a SS. MM.

Consta que os alumnos da universidade de Coimbra tencionam pedir a El-Rei perdão de acto como auctorisam os estatutos d'aquelle corpo scientifico quando se dá o nascimento do herdeiro da corôa: tambem se diz que o mesmo farão os alumnos da eschola medico-cirurgica, e polytechina da cidade do Porto.

MOVIMENTO DA BARRA D'AVEIRO

Embarcações entradas em 14 de novembro de 1863

PORTO — Rasca port. «Conceição d'Aveiro», m. C. M. Leal, 9 pes. de trip, 1 passageiro, lastro.

Em 16

PENICHE—Cahique port. «Senhora do Carmo», m. F. Lopes, 8 pes. de trip., pescaria.

PORTO — Hiate port. «Tricano d'Aveiro», m. A. J. Serrão, 7 pes. de trip., encommendas.

Vento N. e o mar um pouco agitado.

ANNUNCIOS

Na typographia d'este jornal, se aprompta todo e qualquer impresso que n'ella seja encommendado, com a maior brevidade e perfeição, e por preços commodos.

VENDA DE UM PIANO

Na rua dos Mercadores n.º 8, d'esta cidade, ha um excellente piano em muito bom uso, quem o pretender comprar derija-se á mesma casa.

BERNARDO DA CRUZ NORDESTE, alfaiate, preso nas cadeias d'esta cidade d'Aveiro, offerece aos seus freguezes e a todas as mais pessoas, que se lhe queiram dirigir, e promptifica-se a fazer, da sua profissão, toda e qualquer obra com a maior brevidade e perfeição possivel.

JOSÉ ANTUNES DE AZEVEDO, acaba de receber um variado sortimento de casemiras para calças, e pannos para casacos, proprios da estação, e que vende por preços commodos.

João Rodrigues da Valla e mulher, Antonio da Rodrigues da Valla e mulher, José Rodrigues da Valla, mulher e outros dos logares de Taboeira, Cacia, Sarrasolla, Paço e Azurva, requereram no juizo de direito da camarca, inventario dos bens da herança de Manuel Dias Alves, casado que foi com Maria d'Almeida Salgada, de Sarrazolla: e correm editos por trinta dias a contar do dia 22 de outubro chamando todas as pessoas que se julguem com direito aos bens da mesma herança para que dentro do praso referido o venham deduzir no inventario.

Escrivão Moraes.

PORTO ILLUSTRADO

SEMANARIO PITTORESCO

EDITOR—ANTONIO AUGUSTO LEAL

Rua da Fabrica n.º 10.

Publicou-se o n.º 8, contendo os artigos seguintes:

Masaniello, com uma gravura, pelo sr. B. da Silva; Como morre um ministro; Extasi, poesia, pelo sr. Eduardo Augusto Salgado; Os relogios na China; Antipodas; Ceuta; Anecdotas e factos de personagens portuguezes; Charada.

Cada n.º contém uma gravura.—E' impresso em bom papel e typo novo. Formato 4.º grande, com 8 pag. de impressão nitida.

Preço da assignatura, por trimestre, ou 13 numeros, para o Porto 400 rs.; provincias, 475; paga adiantada; as das provincias remettendo-se o importe em estampilhas ou vales do correio.

PARA LISBOA

O hiate—Senhora da Conceição—, para carga trata-se com o capitão do mesmo, Manoel do Nascimento Moura.

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel.*

Typ. do «Districto de Aveiro».

LARGO DE S. GONSALLO